

Fundamentos do poder imperial em meados do século XII: *A fortitudo e a translatio imperii* na obra de Otto de Freising

Elements of imperial power in the mid-twelfth century: The fortitudo and the translatio imperii in the work of Otto of Freising

Lukas Gabriel Grzybowski*

Resumo

A *translatio imperii* é um tema recorrente na historiografia e nas mentalidades do período medieval. Os mecanismos de transferência do poder que caracterizam a *translatio* são múltiplos e, a despeito do trabalho de Werner Goetz, ainda pouco explorados. Um dos elementos intimamente ligados à temática da *translatio* é a questão da legitimação política, a qual, por sua vez, é igualmente multifacetada. No presente artigo aborda-se então a relação entre a legitimação política e a *translatio imperii*, ambas com especial ênfase ao papel da *fortitudo* como legitimador e significador na *Historia de duabus civitatibus* de Otto de Freising.

Palavras-chaves

Virtudes políticas. Legitimação política. *Translatio imperii*.

Abstract

The following paper deals with two correlate themes, which have so far been but little addressed. During the Middle Ages the *translatio imperii* was a recurrent theme on historiographical and theoretical

* Pós-doutorado em andamento na Universidade de São Paulo, financiado pela FAPESP. Doutor pela Universität Hamburg, na Alemanha. Coordenador do grupo de pesquisa Leituras da Escandinávia Medieval. Publicações: A Escandinávia na Idade Média em suas Múltiplas Leituras. *Signum*, v. 16, 3, p. 1-7, 2015.; Política: entre a teoria e a práxis no século XII. O De sacramentis de Hugo de S. Victor e a Historia de duabus civitatibus de Otto de Freising. *Roda da Fortuna. Revista Eletrônica sobre Antiguidade e Medievalo*, v. 3, p. 124-147, 2014; *Politische Tugendvorstellungen im 12. Jahrhundert: die Schriften Ottos von Freising und Bernhards von Clairvaux*. Tese de doutorado. Hamburg: Staats- und Universitätsbibliothek Carl von Ossietzky, 2014. Contato: <lukas.gabriel.grzybowski@usp.br>.

writings concerning both eschatological and historical as well as political questions. It relates to political discussions around the legitimacy of a world government. The relation of both themes, the *translatio* and the political legitimacy, are addressed in this paper, with special emphasis on the role of the *fortitudo* as an element of legitimation and signification in the *Historia de duabus civitatibus* of the German historian Otto of Freising.

Keywords

Political virtues. Political legitimation. *Translatio imperii*.

Introdução

O presente artigo propõe uma análise das impressões de Otto, bispo de Freising (1138-1158), sobre os povos germânicos, seu contato com a cultura romana nas diversas fases da expansão e desintegração da hegemonia latina sobre o Mediterrâneo e a Europa, e seu papel na transformação e transmissão do *imperium* após a desestruturação do mundo romano no Ocidente. Nesta análise dar-se-á especial atenção à temática das virtudes – destacando-se a *fortitudo* – e seu papel na fundamentação e significação da *translatio imperii* dos romanos aos povos germânicos no âmbito das obras historiográficas de Otto de Freising. Com a análise destes elementos pretende-se finalmente vislumbrar, por um lado, como o bispo de Freising – assim como o grupo que ele representa – percebe e interpreta a contribuição dos povos germânicos no desenvolvimento do *imperium* medieval, por outro, como o passado é por ele significado a fim de conferir um elemento de legitimidade para o contexto em que Otto está inserido, na primeira metade do século XII.

Otto de Freising e a historiografia medieval

Otto de Freising é um dos personagens principais nos períodos iniciais da dinastia Staufen.¹ Todavia, a despeito das contribuições do frisingense nos diversos ramos da política, da diplomática e da reforma do monasticismo – na qual Otto tomou ativamente parte –, é em virtude de suas duas obras historiográficas que o bispo despertou maior interesse de pesquisadores.

¹ A esse respeito ver GOEZ, Werner. *Lebensbilder aus dem Mittelalter*. Die Zeit der Ottonen Salier und Stauffer. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 2010. p. 282–297.

Em meados da década de 1140, o bispo de Freising compôs a primeira de suas obras historiográficas. A *Historia de duabus civitatibus*² é uma obra singular dentro do panorama da historiografia medieval, pela reflexão filosófica que realiza sobre o passado e o fazer histórico, a partir dos preceitos teóricos da alta idade média.³ Otto escreve “uma história (*historia*) que não se esgota em uma cronografia imparcial, mas, do contrário, é definida pelas certezas teológico-históricas do autor, que em diversas circunstâncias se posiciona diante dos eventos narrados e lhes atribui valor, destacando, a partir de um ordenamento proposital do material presente no seu relato, uma “lei da história”, no intuito de ensinar (algo) através da história.⁴

A reflexão de Otto sobre a história é, por sua vez, influenciada por uma série de elementos, dentre os quais os escritos de Hugo de S. Victor; a filosofia agostiniana – patente no título dado à sua obra principal –, suas convicções teológicas e escatológicas, derivadas de sua adesão ao movimento cisterciense. O plano salvífico de caráter escatológico que permeia a obra de Otto constitui, em grande parte, a base de sua interpretação da história⁵, a qual é apresentada como trajetória determinada pelo plano divino.⁶ Eventos, povos e sujeitos só aparecem na *Historia de duabus civitatibus* quando apresentam uma contribuição significativa para o desenvolvimento desse plano, o qual culmina no fim dos tempos. Dentre os diversos modelos interpretativos presentes na *Historia* – por exemplo, o modelo dos *status ecclesiae* ou das *aetates mundi* – é o tema da *translatio imperii* que no presente artigo será de maior interesse.

² Otto de Freising. *Otonis episcopi Frisingensis Chronica sive Historia de duabus civitatibus*. HOFMEISTER, Adolf (Ed.), (Scriptores rerum Germanicarum in usum scholarum separatim editi, 45) Hannover: Hahnsche Buchhandlung, 1912. p. 1–457.

³ SPÖRL, Johannes. *Grundformen hochmittelalterlicher Geschichtsanschauung*. Studien zur Weltbild der Geschichtsschreiber des 12. Jahrhunderts. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1968, p. 35–36.

⁴ Tradução livre de “[...] eine Geschichte (*historia*), die sich nicht, wie seine Hauptvorlage, die Weltchronik Frutolfs, in einer (nahezu parteilosen) Chronographie erschöpft, sondern die erst durch seine geschichtstheologischen Überzeugungen bedingt ist, in zahlreichen persönlichen Stellungnahmen die Ereignisse wertet und aus der Ordnung der Ereignisse das ‚Gesetz‘ der Geschichte aufzeigen, Erkenntnisse vermitteln und dadurch belehren will...” GOETZ, Hans-Werner. *Das Geschichtsbild Ottos von Freising*. Ein Beitrag zur historischen Vorstellungswelt und zur Geschichte des 12. Jahrhunderts. Köln: Böhlau, 1984. p. 301.

⁵ LAMMERS, Walther. *Einleitung*. In: LAMMERS, Walther (Ed.). *Chronik oder die Geschichte der zwei Staaten*. Übersetzt von Adolf Schmidt, herausgegeben von Walther Lammers. (Ausgewählte Quellen zur deutschen Geschichte des Mittelalters, 16) Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1960. p. XI–LXVIII.

⁶ GOETZ, Hans-Werner. *Das Geschichtsbild Ottos von Freising*. Ein Beitrag zur historischen Vorstellungswelt und zur Geschichte des 12. Jahrhunderts. Köln: Böhlau, 1984.

O problema da *translatio imperii*

Em uma obra publicada em 1958, conhecida como “*Translatio imperii*”,⁷ o historiador alemão Werner Goetz aponta ainda na introdução que o tema da *translatio imperii* é bastante utilizado na historiografia moderna, tornando-se uma categoria sobre a qual – à época em que Goetz realizou suas pesquisas – não se fazia a devida reflexão teórica.⁸ Meio século mais tarde o que se observa em meio às diversas publicações que tocam este tema é uma continuação dessa tendência, com a ressalva que hoje a obra de Goetz se põe como fundamento sobre o qual pesquisas posteriores elaboram suas reflexões. Em decorrência disso faz-se necessário uma curta apresentação do tema trabalhado pelo historiador alemão, enfatizando os aspectos mais diretamente relacionados à pesquisa presente, uma vez que Goetz trabalha a *translatio imperii* a partir de uma perspectiva macro-histórica e de longa duração. Dos apontamentos feitos pelo historiador alemão, duas de suas observações iniciais precisam ser mencionadas, a saber, a busca pelas origens do tema da *translatio imperii* e a sua inserção na tradição medieval.

A primeira dessas questões leva Goetz a verificar duas hipóteses: a primeira delas corresponde à crença da historiografia moderna de que a *translatio imperii* seria um tema presente nos textos sagrados judaico-cristãos e, a partir do estabelecimento de uma hegemonia cristã na região do Mediterrâneo, teria influenciado o pensamento histórico e a cultura medieval de uma forma mais geral. Os historiadores modernos costumam associar a origem da teoria das *translationes* nos textos veterotestamentários a duas passagens principais – o livro do profeta Daniel 2, 21⁹ e o Livro Eclesiástico (Jesus de Sirach) 10,8¹⁰. Em ambos a tradução dos textos sagrados de Eusebius Sophronius Hieronymus¹¹ –

⁷ GOEZ, Werner. *Translatio Imperii*. Ein Beitrag zur Geschichte des Geschichtsdenkens und der politischen Theorien im Mittelalter und in der frühen Neuzeit. Tübingen: Mohr, 1958.

⁸ GOEZ, Werner. *Translatio Imperii*. Ein Beitrag zur Geschichte des Geschichtsdenkens und der politischen Theorien im Mittelalter und in der frühen Neuzeit. Tübingen: Mohr, 1958. p. 1.

⁹ “*Et ipse mutat tempora et aetates transfert regna atque constituit dat sapientiam sapientibus et scientiam intelligentibus disciplinam*”. *Biblia sacra*. Iuxta Vulgatam versionem. WEBER, Robert (Ed.) Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2007, Dn 2,21; p. 1345.

¹⁰ “*regnum a gente in gentem transfertur propter iniustitias et iniurias et contumelias et diversos dolos*”. *Biblia sacra*. Iuxta Vulgatam versionem. WEBER, Robert (Ed.). Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2007, p. Sir 10,8; p. 1041.

¹¹ Deve ser feita a ressalva de que Hieronymus não foi o responsável pela tradução do livro de Jesus de Sirach, que foi incluído na Vulgata a partir de versões latinas anteriores à obra do padre de Estridão. Além disso, é preciso levantar a ressalva, de que a tradução *vetus latina*

parte fundamental da Vulgata – apresenta o termo “*regnum transferre*”, a partir do qual, acreditam os estudiosos, deriva a ideia da *translatio imperii*. Em sua análise, Goetz demonstra que essa hipótese é um equívoco, uma vez que em nenhum dos textos originais, em hebraico ou grego, há uma fórmula nesses termos recorrente que justifique a escolha de Hieronymus. Apoiado em uma série de outras evidências dos textos sagrados da religião judaico-cristã, o historiador alemão conclui que não é a partir desta fonte que a ideia da *translatio imperii* tem sua origem. Por conseguinte, fica colocado em xeque o pressuposto de que, embora tenha sido um conceito-chave para a compreensão, entre outros, do desenvolvimento da história no período medieval, a *translatio imperii* seja uma teoria criada dentro do cristianismo, independentemente dos fins para ela ali estabelecidos.¹²

Em vista disso, Goetz passa a investigar outras fontes, a partir das quais a teoria da *translatio imperii* possa ter fluído na cultura medieval do ocidente. É na historiografia romana, sua segunda hipótese, – e, a partir desta, expandindo sua análise para outras tradições – que o historiador alemão encontra as mais explícitas evidências da temática das *translationes*. “Das Alter der Translationsvorstellung scheint das der Historiographie zu sein.”¹³ Especialmente na escrita histórica de Salústio aparecem as *translationes* de forma muito evidente, que associa o tema da hegemonia política às virtudes, elementos que serão também abordados na análise da obra de Otto de Freising. Segundo Salústio, “*Ita imperium semper ad optimum quemque a minus bono transfertur*”.¹⁴ Otto, guardadas as devidas proporções, segue em grande parte essa posição de Salústio em sua escrita histórica, embora não se possa ignorar na obra do frisingense a reinterpretação dos diversos conceitos apresentados a partir dos preceitos do cristianismo. Finalmente, é preciso apontar que Goetz também analisa a contribuição de Otto de Freising para o

do texto bíblico teve maior circulação que a *vulgata* de Jerônimo por um longo período, durante o medieval.

¹² Cf. GOEZ, Werner. *Translatio Imperii*. Ein Beitrag zur Geschichte des Geschichtsdenkens und der politischen Theorien im Mittelalter und in der frühen Neuzeit. Tübingen: Mohr, 1958. p. 4–17. Especialmente evidente em “*Die Bibel ist nicht die Quelle der Formel*.” GOEZ, Werner. *Translatio Imperii*. Ein Beitrag zur Geschichte des Geschichtsdenkens und der politischen Theorien im Mittelalter und in der frühen Neuzeit. Tübingen: Mohr, 1958. p. 17.

¹³ GOEZ, Werner. *Translatio Imperii*. Ein Beitrag zur Geschichte des Geschichtsdenkens und der politischen Theorien im Mittelalter und in der frühen Neuzeit. Tübingen: Mohr, 1958, p. 33. Tradução livre: “A antiguidade da ideia das translações parece ser a mesma da historiografia”.

¹⁴ Sallustius. *Bellum Catilinae*, RAMSEY, John T. (Ed.). *Sallust's Bellum Catilinae*. (American Philological Association texts and commentaries series). Oxford: Oxford University Press, 2007, p. 27. Tradução livre: “Desse modo, o império é sempre transferido de um menos bom a algum ótimo”.

desenvolvimento do tema da *translatio imperii* na historiografia medieval. Para Goez, Otto desempenhou um papel essencial para a consolidação do tema na escrita histórica, em especial no tocante às crônicas universais do medievo, representando ao mesmo tempo o ápice do tema na reflexão historiográfica e o início do seu declínio, uma vez que, embora tenha influenciado diversos outros historiógrafos que lhe sucederam, o trabalho de Otto se destaca como obra ímpar, à qual nenhum trabalho posterior se equipara quando o foco são as *translationes*.¹⁵ O bispo de Freising aplica, finalmente, a teoria das *translationes* não somente em associação com a *translatio imperii*, mas transporta essa ideia também para outros temas. Ele apresenta como característica do desenvolvimento da história uma *translatio potentia*, uma *translatio sapientiae*¹⁶ e uma *translatio religionis*¹⁷, que, em última instância, remetem ao tema central de sua *Historia de duabus civitatibus*, a saber, a *mutatio rerum*.¹⁸ Apesar desses importantes elementos trabalhados, Goez ignora a existência de ainda

¹⁵ GOEZ, Werner. *Translatio Imperii*. Ein Beitrag zur Geschichte des Geschichtsdenkens und der politischen Theorien im Mittelalter und in der frühen Neuzeit. Tübingen: Mohr, 1958. p. 104–137.

¹⁶ “*Et sicut supra dixi, omnis humana potentia vel sapientia ab oriente ordiens in occidente terminari cepit. Et de potentia quidem humana, qualiter a Babiloniis ad Medos et Persas ac inde ad Macedones et post ad Romanos rursumque sub Romano nomine ad Grecos derivatum sit, sai dictum arbitror. Qualiter vero inde ad Francos, qui occidentem inhabitant, translatum fuerit, in hoc opere dicendum restat. Sapientiam autem primo in oriente, id est in Babylonia, inventam ac inde in Egyptum, eo quod Abraham tempore famis illuc descendit, translata fuisse Iosephus in primo Antiquitatum libro ostendit, ita dicens de Abraham: Arithmeticae eis contulit et quae de astrologia sunt ipse quoque contradidit. Nam ante Abraham haec Egyptii penitus ignorabant. Dehinc derivatam ad Grecos philosophorum tempore idem auctor innuit his verbis: A Chaldeis enim haec plantata noscuntur in Egypto. Unde et pervenisse dicuntur ad Grecos. Sic Iosephus. Deinde eam ad Romanos sub Scipionibus, Catone ac Tullio et precipue circa cesarum tempora, poetarum grege diversa carmina concinente, ac post ad ultimum occidentem, id est ad Gallias et Hispanias, nuperrime a diebus illustrium doctorum Berengarii, Managaldi et Anshelmi translata apparet.*” Otto de Freising. *Otonis episcopi Frisingensis Chronica sive Historia de duabus civitatibus*. HOFMEISTER, Adolf (Ed.). Hannover: Hahnsche Buchhandlung, 1912, V, Prol. p. 227.

¹⁷ “*Manent autem, sicut olim in Egypti, sic et nunc in Galliae Germaniaeque partibus habundantius, ut in hoc haut mireris potentiae seu sapientiae ab oriente ad occidentem translationem, cum de religione itidem factum eniteat.*” Otto de Freising. *Otonis episcopi Frisingensis Chronica sive Historia de duabus civitatibus*. HOFMEISTER, Adolf (Ed.). Hannover: Hahnsche Buchhandlung, 1912, VII, 35, p. 372.

¹⁸ Evidente em diversas passagens de Otto de Freising. *Otonis episcopi Frisingensis Chronica sive Historia de duabus civitatibus*. HOFMEISTER, Adolf (Ed.). Hannover: Hahnsche Buchhandlung, 1912, p. 1–457. Ver também GOETZ, Hans-Werner. *Das Geschichtsbild Ottos von Freising*. Ein Beitrag zur historischen Vorstellungswelt und zur Geschichte des 12. Jahrhunderts. Köln: Böhlau, 1984. e MÉGIER, Elisabeth. *Christliche Weltgeschichte im 12. Jahrhundert Themen, Variationen und Kontraste*. Untersuchungen zu Hugo von Fleury Ordericus Vitalis und Otto von Freising. DINZELBACHER, Peter (Ed.). Frankfurt, M, Berlin, Bern, Bruxelles, New York, NY, Oxford, Wien: Lang, 2010, assim como as demais obras por estes citadas.

mais níveis nos quais a teoria das *translationes* se fazem presentes na obra de Otto de Freising, em que se destacam as virtudes.¹⁹

As virtudes nos estudos sobre a Idade Média

Embora não se possa definir o tema das virtudes como central nos estudos sobre o medievo, ainda assim ele apresenta uma longa tradição nas investigações, sobretudo em relação à história das ideias e à história cultural sobre o período medieval. O sistema das virtudes na Idade Média tem sua origem no período antigo e está, ao menos até o século XII, especialmente ligado à filosofia de Cícero e suas *virtutes principales*²⁰, assim como às virtudes religiosas do cristianismo.²¹ O conceito fundamental no medievo, contudo, assumiu a ideia ciceroniana através das posteriores interpretações dos pensadores cristãos da patrística, sendo Ambrosio de Milão uma figura central neste contexto. É o santo padre que em suas reflexões filosóficas e exegéticas virá a cunhar o termo “*virtutes cardinales*”²², tão caro à filosofia, à ética e à teologia medievais.

¹⁹ Como apontado em GRZYBOWSKI, Lukas Gabriel. *Politische Tugendvorstellungen im 12. Jahrhundert*. Die Schriften Ottos von Freising und Bernhards von Clairvaux. PhD Thesis. Hamburg: 2014.

²⁰ “*Nam virtus est animi habitus naturae modo atque rationi consentaneus. Quamobrem omnibus eius partibus cognitis tota vis erit simplicis honestatis considerata. Habet igitur partes quattuor: prudentiam, iustitiam, fortitudinem, temperantiam. Prudentia est rerum bonarum et malarum neutrarumque scientia. [...] Iustitia est habitus animi communi utilitate conservata suam cuique tribuens dignitatem. [...] Fortitudo est considerata periculum susceptio et laborum perpassio. [...] Temperantia est rationis in libidinem atque in alios non rectos impetus animi firma et moderata dominatio*” CICERO, Marcus Tullius. De inventione. Über die Auffindung des Stoffes. NÜSSLEIN, Theodor (Ed.). Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1998, p. 320–324. “*Quae quattuor quamquam inter se colligata atque implicata sunt, tamen ex singulis certa officiorum genera nascuntur...*” Cicero, Marcus Tullius. De officiis. WINTERBOTTOM, Michael (Ed.). Oxford, New York: Oxford University Press, 1994, I, 15, p. 7.

²¹ Há uma variação grande no que concerne o conjunto das virtudes religiosas. Ao lado de *fides, spes e caritas* – o trio paulino – o medievo apresenta a humilidade como virtude fundamental. Cf. TRACEY, M. J.; NEWHAUSER, R.; BRIESEMEISTER, D. Tugenden und Laster, Tugend- und Lasterkataloge In: *Lexikon des Mittelalters*. Darmstadt: WBG, 2009, p. cols. 1085-1089.

²² “*Superest, ut ad conclusionem cardinalium virtutum etiam iustitiae partes in eo debeamus advertere.*” Ambrósio de Milão. De excessu fratris, in: FALLER, Otto (Ed.). *Sancti Ambrosii Opera*. Pars septima. (Corpus scriptorum ecclesiasticorum Latinorum, 73) Wien: Hoelder-Pichler-Tempsky, 1955, I, 57, p. 239; “*quattuor tantum beatitudines sanctus Lucas dominicus posuit, octo uero sanctus Matthaeus. sed in istis octo illae quattuor sunt et in his quattuor illae octo. hic enim quattuor uelut uirtutes amplexus est cardinales, ille in illis octo mysticum numerum reseruit.*” Ambrósio de Milão. Expositio evangelii secundum Lucam, in: SCHENKL, K.; SCHENKL, H. (Ed.). *Sancti Ambrosii Opera*. Pars quarta. (Corpus scriptorum ecclesiasticorum Latinorum, 32,4) Wien: Tempsky [u.a.], 1902, V, 49-50, p. 201; “*Nunc dicamus quemadmodum in quattuor benedictionibus sanctus*

As *virtutes cardinales* há tempos vêm sendo tema de investigação de medievalistas, destacando-se os trabalhos de Maria Becker,²³ Sybille Mähl,²⁴ e István Bejczy.²⁵

Becker e Mähl apresentam uma abordagem mais restrita ao problema das virtudes, analisando recortes mais delimitados. Becker procura compreender as transformações no conceito de virtude cardeal no seu processo de cristianização, especialmente na obra de Ambrósio de Milão e seu *De officiis*, em relação à obra homônima de Cícero. Por sua vez, Mähl aborda a recuperação do tema das virtudes cardeais no âmbito do chamado “renascimento carolíngio”. Em seu trabalho a autora recupera o tema antigo e analisa em um primeiro momento as transformações que este sofre em seu processo de cristianização, para, com base nestes elementos, compreender os conceitos presentes no período carolíngio, sobretudo em Alcuino. Mähl finaliza, contudo, sua investigação com as influências de Alcuino sobre os textos de Rabanus Maurus, Haltigar de Cambrai e Ermenric de Ellwangen. Deste modo, fica evidente a concentração das investigações a respeito das virtudes cardeais sobre os séculos iniciais do medievo.

Por outro lado, há uma profusão de estudos sobre o tema das virtudes de modo mais abrangente a partir da reintrodução da *Ethica nicomachea* de Aristóteles no século XIII.²⁶ Uma exceção a esta predominância é o livro de Bejczy, que apresenta uma visão geral do tema das virtudes cardeais durante o período medieval, focando também o período entre os séculos X e XIII. Há que se notar também que o foco das investigações se dá sempre sobre os aspectos ético-filosóficos do tema das

Lucas benedictiones sit octo complexus. et quidem scimus uirtutes esse quattuor cardinales, temperantiam iustitiam prudentiam fortitudinem.” Ambrósio de Milão. Expositio evangelii secundum Lucam. In: SCHENKL, K.; SCHENKL, H. (Ed.), *Sancti Ambrosii Opera*. Pars quarta. Wien: Tempusky [u.a.], 1902, V, 62, p. 207. Ver também BEJ CZY, István. *The cardinal virtues in the Middle Ages. A study in moral thought from the fourth to the fourteenth century*. Leiden: Brill, 2011.; e BIERMANN, Martin. *Die Leichenreden des Ambrosius von Mailand*. Stuttgart, Göttingen: Steiner, 1995.

²³ BECKER, Maria. *Die Kardinaltugenden bei Cicero und Ambrosius De officiis*. Basel: Schwabe & Co., 1994.

²⁴ MÄHL, Sibylle. *Quadrige Virtutum*. Köln, Wien: Böhlau, 1969.

²⁵ BEJ CZY, István. *The cardinal virtues in the Middle Ages. A study in moral thought from the fourth to the fourteenth century*. Leiden: Brill, 2011.

²⁶ Evidente a partir de um olhar sobre as publicações a respeito das virtudes na Idade Média, por exemplo, em BEJ CZY, I.; NEDERMAN, C. J. (Ed.) *Princely virtues in the Middle Ages. 1200 - 1500. conference on Princely Virtues in the Middle Ages, 1200 - 1500, at Nijmegen, The Netherlands, on 8 and 9 October 2004*. Turnhout: Brepols, 2007.; BEJ CZY, I. P.; NEWHAUSER, R. (Ed.) *Virtue and ethics in the twelfth century*. Leiden, Boston: Brill, 2005; NEWHAUSER, Richard. *The treatise on vices and virtues in Latin and the vernacular*. Turnhout: Brepols, 1993.; entre outros.

virtudes e, conseqüentemente, pouca importância é dada à presença de um imaginário e de idealizações fora do contexto dos tratados teológico-filosóficos do medievo. Ao observar as conclusões de Bejczy para o século XII, que afirma que “pela primeira vez desde a época da patrística, as virtudes cardeais fizeram surgir um intenso debate [o século XII] [...] constitui um período central na história das virtudes”,²⁷ e em face do contexto de renovação acadêmica e intelectual que caracteriza a chamada “renascença do século XII”, é natural encontrar ecos do debate em torno das virtudes em outros gêneros textuais, tais como a historiografia. Os estudos de Beumann,²⁸ Goetz²⁹ e Goetz³⁰ mencionam tanto a presença do tema quanto as possibilidades de investigação a partir da obra de Otto de Freising, sem, contudo, realizar a análise propriamente dita. Assim sendo, o presente trabalho dedicar-se-á a uma breve análise do papel das virtudes na significação da *translatio imperii* aos povos germânicos na obra do bispo frisingense.

A Historia de duabus civitatibus

A *Historia de duabus civitatibus* de Otto de Freising consiste de uma história ou crônica universal, nos moldes correntes no medievo, estabelecidos, entre outros, pelos modelos de Agostinho de Hipona e Paulo Orósio. Ela se divide em sete livros nos quais o bispo interpreta a história da humanidade desde a criação até o seu período contemporâneo. Para realizar tal trabalho o bispo segue uma série de esquemas teóricos, como já apresentado, sendo que as virtudes representam uma das categorias de interpretação da história do bispo. Dentre os muitos exemplos que se apresentam na obra do frisingense, aqui interessam os momentos em que as virtudes são utilizadas na significação da *translatio imperii*. E dentre estas, as que justificam a ascensão dos povos germânicos ao domínio imperial. Três episódios na narrativa de Otto de Freising

²⁷ “For the first time since the patristic age, the cardinal virtues gave rise to intense debate. [O século XII] [...] constitutes a pivotal period in the history of the virtues.” BEJCZY, István. *The cardinal virtues in the Middle Ages. A study in moral thought from the fourth to the fourteenth century*. Leiden: Brill, 2011. p. 4. (Tradução livre)

²⁸ BEUMANN, Helmut. Die Historiographie des Mittelalters als Quelle für die Ideengeschichte des Königtums. In: BEUMANN, Helmut (Ed.). *Ideengeschichtliche Studien zu Einhard und anderen Geschichtsschreibern des frühen Mittelalters*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1969. p. 40–79.

²⁹ GOEZ, Werner. *Translatio Imperii*. Ein Beitrag zur Geschichte des Geschichtsdenkens und der politischen Theorien im Mittelalter und in der frühen Neuzeit. Tübingen: Mohr, 1958.

³⁰ GOETZ, Hans-Werner. *Das Geschichtsbild Ottos von Freising*. Ein Beitrag zur historischen Vorstellungswelt und zur Geschichte des 12. Jahrhunderts. Köln: Böhlau, 1984.

são especialmente significativos nesse sentido: as lutas de Júlio César contra os povos germânicos; os povos germânicos, especialmente os Godos, durante o período de migrações no Baixo-Império Romano; e, finalmente, a ocasião da transferência do *imperium* aos francos.

Os germanos no período da expansão romana

Otto dedica uma grande parte de sua obra descrevendo a história de Roma em seus diversos períodos. Este é um dos assuntos que comparativamente tem maior presença em toda a *historia de duabus civitatibus*. Do período de fundação da *urbs*, passando pelo período da monarquia romana e os primórdios da república até as guerras púnicas, o bispo descreve a ascensão do poder romano, o qual com a expansão mediterrânea e o início do império alcançou seu ápice de acordo com o frisíngense. É nesse período de expansão que os povos germânicos são mencionados pela primeira vez na obra de Otto. Trata-se nesse episódio do enfrentamento entre as tropas romanas lideradas por Júlio César e os germanos estabelecidos no território além do Reno. Segundo o bispo de Freising o enfrentamento se deu em decorrência da invasão romana do território além-reno por parte de César, sendo esta invasão parte das guerras de expansão e conquista das Gálias e comissão do Senado.³¹ Otto escreve que “no ano de 693 desde a fundação de Roma Júlio César foi mandado pelo senado ao ocidente, a fim de dominar às Gálias e à Ilíria. Ele então subjugou os mais valentes povos (*fortissimas gentes*) do orbe com muito sangue romano reduzindo-os à província, e, transposto o Reno, venceu aos Germanos, dentre todos o mais feroz e belicoso povo, não somente através de uma grave e perigosa guerra, mas também através de subornos e da prudência. Quem deseja conhecer as virtudes e a valentia (*virtutes ac fortitudinem*) destes germanos, que leia a história deles escrita por Suetônio”.³²

³¹ César foi de fato enviado a governar as Gálias, que já haviam se tornado províncias romanas no século II a. C. A conquista das porções setentrionais, bem como da Germânia, partiram de iniciativa própria de Júlio César. Cf. Otto de Freising. *Chronik oder die Geschichte der zwei Staaten*. Übersetzt von Adolf Schmidt, herausgegeben von Walther Lammers. LAMMERS, Walther (Ed.) Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1960, p. 196, Nota 244.

³² Tradução livre de “Anno ab Urbe condita DC^oXC^oIII^o [...] Gaius Iulius Cesar, ipso et L. Bibulo consulibus, ad occidentem, Gallias Cisalpinam et Transalpinam ac Illiricum domaturus, a senatu mittitur. Is itaque fortissimas orbis gentes cum multo Romanorum sanguine in provinciam redegit transitoque Rheno Germanos omnium ferocissimos ac bellicosissimos acri et periculoso non solum bello, sed et muneribus multaque prudentia devicit. Quorum virtutes ac fortitudinem qui scire desiderat, ipsius hystoriam a Suetonio scriptam legat. Meminit etiam horum fortitudinis et tantum inperterritae, ut mortem quoque vix timeat, Iosephus

Neste trecho do relato de Otto destaca-se a atribuição de grande *fortitudo* aos germanos, os quais foram derrotados por César somente em virtude de sua *prudencia* enquanto comandante militar, assim como através de subornos. Isto fica evidente através da construção “*non solum bello*”, que remete ao fato dos povos germânicos não poderem ser definitivamente derrotados no campo de batalha, mesmo em face do poderio militar, do conhecimento estratégico-militar e da capacidade de liderança de César, os quais são igualmente referidos nesta passagem. Ao apontar que Júlio César venceu às *fortissimas orbis gentes*, o bispo frisingense coloca a habilidade militar deste general romano acima à dos demais povos, assim como de outros líderes militares romanos. É possível depreender isto a partir da qualificação de César como aquele que – finalmente – sobrepuiu todos os povos do *orbis*, o que até seu tempo nenhum comandante militar romano fora capaz de realizar. No relato de Otto, contudo, apesar de desempenho excepcional no campo de batalha, César não foi capaz de vencer aos germanos senão – em partes – através do suborno, o que indica a crença do cronista no poderio destes. Se não superiores aos romanos em ferocidade e belicosidade, ao menos os germanos representam uma força equiparável à dos dominadores do *orbis*. Que esta posição do cronista lhe é original e parte de seu próprio *Geschichtsbild* e sua *Geschichtsvorstellung* depreende-se do fato que, embora Otto siga neste trecho em grande parte o relato de Paulo Orósio, ele realiza uma interpolação à sua fonte especificamente na descrição das virtudes dos povos germânicos. Ele acentua a presença das virtudes – em especial a *fortitudo*, a qual é mencionada em destaque – dos povos germânicos e refere a outros cronistas que, como ele, deram especial destaque à força e coragem dos germanos. Através do destaque dado pelo bispo frisingense à *fortitudo* fica evidente sua proposta de apresentar a virtude como meio pelo qual os germanos podem fazer frente aos planos de conquista romana, e é a mesma *fortitudo* que lhes confere uma posição superior – assim depreende-se a partir do texto do cronista – aos demais povos conquistados por César.

Um segundo aspecto merece atenção na análise desta passagem da *Historia de duabus civitatibus*. Quando observada a menção dos povos germânicos e a *laus* de Otto a estes povos diante do panorama geral da

seu Egesippus in oratione Agrippae ex horum comparatione Iudeos ad subiunctionem Romani imperii hortantis. Otto de Freising, *Otonis episcopi Frisingensis Chronica sive Historia de duabus civitatibus*. HOFMEISTER, Adolf (Ed.). Hannover: Hahnsche Buchhandlung, 1912, II, 48, p. 125. O texto de César sobre a Guerra das Gálias corria no medievo em manuscritos atribuídos a Suetônio. Cf. Otto de Freising, *Chronik oder die Geschichte der zwei Staaten*. Übersetzt von Adolf Schmidt, herausgegeben von Walther Lammers. LAMMERS, Walther (Ed.). Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1960, p. 196, Nota 245.

obra e dos conceitos fundamentais de seu *Geschichtsbild* presentes na sua composição, é impossível negar a intencionalidade tanto do momento da menção aos germanos, quanto da descrição que sobre eles é apresentada. Seguindo a lógica proposta pelo tema da *translatio imperii* é possível notar que logo que os romanos assumem o *imperium* universal – o que pode ser compreendido através das expressões *fortissimas orbis gentes in provinciam redegit* – surgem os germanos na narrativa do frisingense e através de sua *fortitudo* oferecem resistência – de certo modo – ao domínio romano. Assim, Otto antecipa em sua narrativa histórica o papel que os povos germânicos viriam a assumir posteriormente em relação ao *imperium*. Que se trata de uma antecipação de caráter teleológico depreende-se não somente do caráter da obra – a qual aborda a história como um fato dado, cujo desenvolver submete-se necessariamente a um plano divino, que confere um caráter predestinado ao decorrer da história –, mas do próprio fato de que são a interpolação e o comentário do bispo de Freising que reafirmam a virtude dos germanos.

Esta posição do cronista se confirma em uma segunda passagem que menciona a *fortitudo* dos germanos em seus embates contra os romanos. Trata-se, neste caso, das campanhas de Marco Aurélio contra os povos germânicos no século II da era cristã. Otto escreve “também nestes dias, enquanto o imperador preparava um combate contra o valentíssimo povo dos germanos (*germanorum fortissima gentem*), estando o exército deveras fatigado devido à sede, e tocado de pavor graças à multidão dos inimigos, assim como à sua valentia (*fortitudine*), uma pesada tempestade sobreveio repentinamente devido às preces dos cristãos, que se encontravam em meio aos preparativos para a batalha, e em auxílio aos romanos. E os bárbaros, que já ameaçavam excitadamente, foram detidos pelos raios abundantes. E assim os inimigos foram postos em fuga pelas preces dos santos, e os romanos alcançaram a vitória não por suas próprias virtudes, mas pela força de Deus”³³

Usando como base os textos de Eusébio-Rufino e Orósio, é novamente intencional na composição de Otto a referência à *fortitudo* dos germanos. Enquanto na história de Eusébio-Rufino nenhuma menção é feita, em Orósio o autor descreve os germanos como *gentes inmanitate*

³³ Tradução livre de “*Hisdem etiam diebus dum imperator contra Germanorum fortissimam gentem manum conserere parat, exercitu plurimum siti fatigato ac tam ex hostium multitudine quam fortitudine pavore percusso Christianorum, qui in procinctu erant, precibus et Romanis ad subsidium subito largus imber profunditur, et barbari, qui iam exicialiter imminebant, crebris fulminibus deterrentur. Sicque sanctorum precibus hostibus fugatis Romani non suis, sed Dei virtutibus victoria potiuntur.*” Otto de Freising. *Otonis episcopi Frisingensis Chronica sive Historia de duabus civitatibus*. HOFMEISTER, Adolf (Ed.). Hannover: Hahnsche Buchhandlung, 1912, III, 24, p. 165.

barbarae.³⁴ O bispo de Freising contradiz uma de suas principais fontes, Orósio, e insere elementos que lhe são únicos para narrar este episódio. Novamente é o tema das virtudes associado à menção dos povos germânicos que recebe destaque neste trecho. Deste modo, o cronista frisingense corrobora a ideia apresentada de que ambos os elementos desempenham um papel central em sua interpretação e significação da história. O que chama ainda mais atenção neste trecho é a explicação de Otto para a vitória dos romanos sobre os seus inimigos germânicos, pois também é a virtude que conduz os romanos à vitória. Porém, deve-se notar que não é a virtude dos romanos, mas sim a virtude divina, oferecida pelo deus cristão aos romanos através das súplicas dos conversos presentes nas tropas de Marco Aurélio. Se comparada esta passagem com a anteriormente mencionada, observa-se que Júlio César apresentava a *prudencia*, uma das virtudes cardeais, e através dessa, em conjunto com sua capacidade militar e o suborno, conseguiu sobrepujar os germanos. Já Marco Aurélio não apresenta virtudes próprias, dependendo da graça do deus cristão para ser vitorioso contra os povos germânicos. Há uma clara referência à decadência do poder romano, que está ligada à ascensão e expansão do cristianismo e da *civitas Dei*. O relato está ambientado no período *sub gratia* – de acordo com o modelo tripartido da *historia de duabus civitatibus* – e prevê consequentemente a decadência da *civitas terrena* e a ascensão da *civitas Dei*. No relato vê-se novamente uma antecipação do papel da virtude dos povos germânicos e da *translatio imperii* a estes povos, uma vez que pela simples *potentia* os germanos já nesse período eram superiores aos romanos. O *imperium* é mantido somente pela ação divina, que prevê a transferência do poder para mãos cristãs – como pode se depreender do fato dos cristãos serem os canalizadores da virtude divina – em uma etapa seguinte, como se verá abaixo.

Os godos e a decadência do imperium romanum

Na sua narrativa Otto de Freising associa a decadência do poder romano à ascensão do poder germânico em um processo contínuo, conquanto lento. No relato do bispo, a representação dessa ascensão está ligada ao abandono das *virtutes* por parte dos romanos e a aquisição dessas por parte dos povos germânicos. Neste sentido o cronista apresenta duas passagens em sua narrativa que são de especial interesse para a

³⁴ Paulo Orósio. *Historiarum adversum paganos libri VII*. Accedit eiusdem Liber apologeticus. ZANGEMEISTER, Carolus (Ed.). Hildesheim: Georg Olms Verlagsbuchhandlung, 1967, VII, 15,8, p. 471.

presente análise. Trata-se, em ambos os casos, de narrativas que apontam a decadência do império romano relacionada à presença dos godos e suas virtudes. Sobre o estabelecimento dos godos no território romano, Otto escreve em um longo trecho (IV, 16), que os ostrogodos se estabeleceram em uma área do império a eles designada pelo imperador Valente, após terem provado seu valor através de sua *fortitudo* no contexto das incursões hunas no território imperial e suportarem o império na resistência aos invasores.³⁵

Este longo trecho traz alguns elementos interessantes relativos ao tema aqui abordado. Logo no início de sua narrativa Otto aponta para a *fortitudo* dos godos, que os distingue de outros povos, e através da qual eles subjugaram muitas nações. A partir dessa informação inicial a respeito da virtude desse povo germânico e do seu subsequente estabelecimento no território romano, o bispo passa a narrar a interação entre romanos e godos. Esta, por sua vez, é retratada como conflituosa, sendo a origem dos atritos atribuída por Otto à má recepção dos godos no território designado a eles por Valente. O imperador, a fim de restabelecer a paz no território, segue com suas tropas para combater os godos, contudo, acaba ferido em combate e finalmente morto ao tentar escapar. O bispo de Freising acentua especialmente a descrição da morte de Valente, o qual teria sido queimado vivo junto com o esconderijo que escolhera na intenção de escapar aos godos. Para o cronista esta seria uma morte justa para o imperador. A razão dessa postura está no fato de Valente ter adotado o arianismo e promover a perseguição do cristianismo de confissão nicena. Para Otto, o afastamento por parte do imperador romano da ortodoxia nicena – predominante no ocidente europeu à época da composição da *Historia* – representa um rompimento com o desígnio divino. Como consequência desse afastamento do modelo, tido como ideal pelo bispo, Valente conduz o poder romano à sua decadência

³⁵ “*Non multo post [...] (gens Hunorum) fortissimam gentem Gothorum cum rege suo Hermanarico in tantum terruit, ut prefatus rex, qui multas ante nationes domuerat [...]. Ostrogothorum hunc regem fuisse scribit Iordanis. Duo enim regna Gothos habuisse, quorum aliud Wisigothorum, aliud Ostrogothorum, prefatus scriptor, qui et ipse Gothus erat, commemorat. Post mortem Hermanarici [...] Gothi rursus ad Valentem mittunt, locum habitationis petunt. Quibus Valens in Trachiis habitare concessit. Porro [...] post tota terra igne ac ferro a depopulata ubique diffunduntur. Contra quos Valens ab Antiochia procinctum movens, sera penitentia ductus, catholicos ab exilio revocari iubet episcopos. Ipse tamen a perfidia sua propter iusiurandum non recessit. Pugna in Trachia conseritur. Ubi dum Romanus fugatur exercitus, imperator sagitta sauciatus in cuiusdam villulae casa fugiens latitare voluit. Quem insequentibus Gothi anno imperii sui XV^o, post mortem vero fratris sui IIII^o, cum casa pariter incendunt. Iusto Dei iudicio id factum creditur, ut, qui eos veram fidem petentes igne perfidiae accenderat, ipse ab eis igne materiali accensus communi quoque careret sepultura.*” Otto de Freising, *Otonis episcopi Frisingensis Chronica sive Historia de duabus civitatibus*. HOFMEISTER, Adolf (Ed.). Hannover: Hahnsche Buchhandlung, 1912, IV, 16, p. 202.

e substituição pelos virtuosos germanos, o que Otto antecipa através do relato do confronto entre romanos e godos e a subsequente morte do imperador na mão dos últimos.

Otto volta a referir à *fortitudo* dos godos em uma segunda passagem, na qual, contudo, também já aponta a decadência desse povo germânico. Trata-se do período do avanço dos hunos sobre o território europeu e da ameaça destes contra Roma e os Visigodos. O bispo escreve (IV, 26), neste caso, acerca da valentia (*fortitudo*) que os Visigodos inicialmente apresentaram – referindo-se certamente ao seu relato anterior –, mas que abandonaram ao integrar-se na cultura decadente do império romano.³⁶

Para esse autor, a expansão dos hunos representa um sinal da decadência dos godos enquanto representantes da *fortitudo* germânica, a qual, até o momento, é tida como ideal pelo cronista. Os godos, organizados em dois reinos (ostrogodos e visigodos) – como o bispo reconhece –, eram invejados por Átila devido à sua coragem e força, mas, no relato, a decadência desses povos é demonstrada pelo fato dos ostrogodos já terem sido derrotados pelo líder huno, que volta então suas forças contra os visigodos. Átila teme que os visigodos e os romanos venham a unir forças contra os hunos. Ambos os povos eram invejados pelo huno, como Otto explica. Na associação de ambos os povos e das características que o líder dos guerreiros hunos temia se encontra o ideal almejado por Otto, como se pode depreender de sua narrativa. A virtude germânica e a reputação e poder romanos em associação apontam para o modelo ideal do bispo, o qual não é alcançado graças à interferência de Átila e do temor dos romanos diante da *fortitudo* dos visigodos. Flávio Aécio impede, segundo a narrativa do frisingense, que os visigodos sigam o líder huno após sua derrota por temer que, uma vez livres da ameaça huno, os visigodos se voltem contra Roma. Essa postura e ação do patrício romano demarca, de certo modo, a decadência de ambos os povos, que serão substituídos pelos francos, os quais já aparecem entre os povos que apoiam a luta contra os hunos. No capítulo final do livro quarto de sua *Historia de duabus civitatibus* o bispo de Freising apresenta esta visão de modo bastante claro. Ele escreve que “tendo, por conseguinte, passado rapidamente de Constantino até o retraimento desse grandioso reino, e acercada queda do valentíssimo povo (*fortissimae gentis*) gótico,

³⁶ “*Igitur regnantibus Marciano et Valentiniano Attila Hunorum rex subiugatis sibi fortissimis Ostrogothorum Gepidarumque populis aliisque plurimis gentibus Macedoniam, Mesiam, Achaïam, Traciam pervagatur. Dum ergo Romanos quoque et Wesegothas, quorum priores ob antiquam suae urbis dignitatem, alios vero ob singularis fortitudinis virtutem emulabatur, subiugare cogitat, timens, ne duae hae gentes adversus eum sociarentur, dolo, ut erat versutissimus, seiungerem eas ab invicem intendebat.*” Otto de Freising. *Otonis episcopi Frisingensis Chronica sive Historia de duabus civitatibus*. HOFMEISTER, Adolf (Ed.). Hannover: Hahnsche Buchhandlung, 1912, IV, 26, p. 217.

chegamos especialmente até o início dos francos, a quem posteriormente coube a monarquia. Enquanto Roma jazia em decadência, levantou-se a Francia para receber a coroa...”³⁷

A cristianização do império – ou do imperador – romano a partir do governo de Constantino apresenta-se como um ponto alto e momento-chave da narrativa de Otto. É a partir desse momento que se estabelece uma *civitas permixta*, na qual os membros da *civitas Dei* assumem a liderança também da *civitas terrena*. Dentro dos modelos salvífico e escatológico que marcam a escrita histórica de Otto, a presença de uma *civitas permixta* liderada por membros da *civitas Dei* corresponde a uma etapa fundamental em direção ao fim dos tempos e à salvação eterna. Ela é sinal da ampliação do poder e importância da *civitas Dei* e da diminuição da *civitas mundi*. Ela representa um tema fundamental e está associada finalmente ao tema da *mutatio rerum* que subjaz toda a obra de Otto. Assim sendo, enquanto ápice no decorrer da história romano-cristã, ao reinado de Constantino segue necessariamente a decadência de Roma. Os godos, por sua vez, tendo sido um povo de grande *fortitudo*, ao se associarem aos romanos decadentes, ao se dividirem e, especialmente, ao assumirem o arianismo, afastam-se do ideal do cronista e precisam – em uma história determinada pelo plano divino – invariavelmente decair e ser superados por outros povos, ideais, que se submetem totalmente ao plano salvífico.

Os francos e o “reavivamento” do imperium no ocidente

Para Otto de Freising os francos são o povo ideal, “escolhido” de certo modo pela divindade para preservar o império romano e exercer o poder máximo sobre a *civitas mundi* até o fim dos tempos. Esta posição já se pode observar na passagem acima citada em que o bispo justifica a decadência do poder romano e dos godos com a ascensão de um novo povo, ideal na visão do cronista, que ele identifica com os francos. O exemplo máximo do governante virtuoso que corresponde ao ideal de Otto e aponta para a virtude de seu povo é, sem dúvida – seguindo a

³⁷ Tradução livre de “*Transcuris igitur a Constantino usque ad imminutionem huius maximi regni, Gothicae quoque fortissimae gentis adtenuationem, precipue cum ad Francorum, quibus postea monarchia cessit, principia devenerimus, cum iam Roma cadente Francia ad accipiendam coronam surrexerit, hac maxima caducarum rerum novitate ac volubilitate a presentis vitae illecebris abstracti et ad supernae patriae stabilitatem appetendam ex presentium calamitatum consideratione etiam nolentes attracti huic quarto operi terminum demus, ut ea quae secuntur expeditius exequamur.*” Otto de Freising. *Otonis episcopi Frisingensis Chronica sive Historia de duabus civitatibus*. HOFMEISTER, Adolf (Ed.). Hannover: Hahnsche Buchhandlung, 1912, IV, 33, p. 226.

tradição historiográfica medieval³⁸ – Carlos Magno. Sobre o imperador franco escreve o frisingense, que este expandiu muito o reino franco, lutando valentemente (*fortiter*) muitas guerras, e alcançando assim, por força de sua *virtus*, o império, num marco da transposição deste do oriente para o ocidente³⁹, uma noção fundamental no conceito teológico-histórico subjacente à obra de Otto.⁴⁰

Neste trecho fica evidente o papel de Carlos Magno na transferência do império romano para mãos francas, promovendo dessa forma o reavivamento do poder imperial no ocidente e com isso corroborando para o desenvolvimento da própria história dentro do modelo proposto por Otto e suas múltiplas *translationes*.⁴¹ O imperador franco é ideal, especialmente por conta de suas virtudes. É por elas que Carlos Magno consegue ampliar os domínios francos e estabelecer o domínio sobre todas as partes (ocidentais – como Otto formula em sua narrativa) do antigo império romano. Dentre suas muitas virtudes, no processo de engrandecimento do império franco, destaca-se a *fortitudo* do imperador, como se pode depreender da expressão do cronista “*multa fortiter bella gereret*”. Após alcançar inúmeras vitórias por conta da sua coragem e força, Carlos Magno pôde restabelecer o império. A associação entre a virtude e o domínio sobre a *civitas mundi* aparece de forma

³⁸ Como em BEUMANN, Helmut. *Ideengeschichtliche Studien zu Einhard und anderen Geschichtsschreibern des frühen Mittelalters*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1969.; BEUMANN, Helmut. *Nomen Imperatoris. Studien zur Kaiseridee Karls d. Gr.*, in: SCHMIDT, Roderich (Ed.). *Wissenschaft vom Mittelalter. Ausgewählte Aufsätze*. Festschrift zum 60. Geburtstag Köln, Wien: Böhlau, 1972, p. 255–289; BEUMANN, Helmut. *Der deutsche König als "Romanorum rex"*. Wiesbaden: Steiner, 1981, e mais recentemente WEINFURTER, Stefan. *Das Reich im Mittelalter. Kleine deutsche Geschichte von 500 bis 1500*. München: Beck, 2008 e as diversas publicações em decorrência dos 1200 anos da morte de Carlos Magno, que discutem, em diversos níveis, a idealização do imperador franco: FRIED, Johannes. *Karl der Große. Eine Biographie*. München: Beck, 2013; WEINFURTER, Stefan. *Karl der Grosse. Der heilige Barbar*. München: Piper, 2013.; PATZOLD, Steffen. *Ich und Karl der Grosse. Das Leben des Höflings Einhard*. Stuttgart: Klett-Cotta, 2013.

³⁹ “*Igitur Karolus regno Romanorum ad Francos translato, dum multa fortiter ac feliciter bella gereret regnumque multipliciter dilataret, XL^oVI^o regni sui anno, subactae vero Italiae XL^oIII^o, imperii XIII^o, in palatio Aquisgrani, [...] LXX^oII^o etatis suae anno diem obiit ac in eadem ecclesia humatur. [...] Huius virtute regnum Francorum plurimum augmentatum est, omniumque regnorum maximum, Romanum scilicet, ab oriente ad occidentem translatum.*” Otto de Freising. *Otonis episcopi Frisingensis Chronica sive Historia de duabus civitatibus*. HOFMEISTER, Adolf (Ed.). Hannover: Hahnsche Buchhandlung, 1912, V, 32, p. 257.

⁴⁰ Cf. GOETZ, Hans-Werner. *Das Geschichtsbild Ottos von Freising*. Ein Beitrag zur historischen Vorstellungswelt und zur Geschichte des 12. Jahrhunderts. Köln: Böhlau, 1984.

⁴¹ A esse respeito ver GOEZ, Werner. *Translatio Imperii*. Ein Beitrag zur Geschichte des Geschichtsdenkens und der politischen Theorien im Mittelalter und in der frühen Neuzeit. Tübingen: Mohr, 1958.

bastante explícita neste trecho e representa o ápice de um processo de *translatio imperii*, o qual envolveu os povos germânicos em seus diversos estágios até chegar às mãos dos francos, seus últimos detentores, segundo a concepção ottoniana. Em uma passagem seguinte o cronista deixa isso ainda mais evidente. Ele declara que a divisão do império franco representa um juízo divino, lançado para demonstrar as misérias dos homens e de seus governos falhos, diante do poder imensurável e infalível do Deus cristão, assim como explicitar a *mutabilitas rerum*, a lei que rege a história humana e suas vicissitudes. A batalha de Fontenoy em 841 é apresentada como o sinal de tal juízo, da qual resultou que o mais valente de todos os povos (*fortissimi omnium*) não somente perdeu a capacidade de expandir seu território, mas, punidos pela divindade, se encontra quase incapaz de defendê-lo.⁴²

A narrativa neste trecho concentra-se sobre a disputa entre os três pretendentes ao título imperial a partir de 840. Otto identifica na divisão do reino franco – note-se que para o cronista não é o império que se divide, mas o reino franco, sendo que o império compreende uma categoria política distinta – um sinal já da decadência também desse povo. A despeito de sua anterior excelência na *fortitudo*, a partir da divisão do império, os francos já não conseguiam mais manter a unidade política no ocidente. Como o bispo de Freising aponta em uma passagem posterior, trata-se de um sinal da *mutatio rerum* e da decadência final da história. A partir dessa interpretação compreende-se o tom pessimista que marca a narrativa de Otto.⁴³

⁴² “*Igitur cum regnum Francorum, ad quod post innumeras, quas supra dixi, mutationes regnum Romanorum devenerat, cum et ipsum ad ostendendas mortalium miserias ac instabiles mundi rotatus auctor omnium Deus in illo, ad quem profecerat, statu manere nollet, in se ipsum miserabiliter dividi ac per hoc desolari et imminui permisit. Proinde contractis undecumque regni viribus fratres predicti apud Fontoniacum conveniunt, acerrimeque pugnantes, ita in hoc bello ex utraque parte regni vires imminutae feruntur, ut exhinc fortissimi omnium Franci non solum terminos non dilatate, sed et parta vix conservare potuissent.*” Otto de Freising. *Otonis episcopi Frisingensis Chronica sive Historia de duabus civitatibus*. HOFMEISTER, Adolf (Ed.). Hannover: Hahnsche Buchhandlung, 1912, V, 35, p. 259.

⁴³ “*Denique armis experientissimi Franci, cum regni terminos plurimum dilatassent mundique caput Romam in suam ditionem transfudissent, cum iam omnibus gentibus horribiles facti essent et inexpugnabiles viderentur, in se ipsos non solum civiliter, sed et intestine, fratribus auctoribus, divisi regnum, quod ab oriente ad occidentem tanquam fugiens statum et requiem invenisse putabatur, desolandum fore iuxta Evangelium presagiebant. [...] Igitur omnibus regnis mundi imminutis, cum et Francorum, qui ultimi Romam habere meruerunt, ex quo divisum est, minoratum apparet regnum, nos, qui ad ostendendas mutationes rerum res gestas scribimus, hac regni mutatione tanquam sufficienti argumento ad regni caelestis immutabilitatem missi huic quinto operi finem imponamus.*” Otto de Freising. *Otonis episcopi Frisingensis Chronica sive Historia de duabus civitatibus*. HOFMEISTER, Adolf (Ed.). Hannover: Hahnsche Buchhandlung, 1912, V, 36, p. 260–261.

Para o bispo, apesar dos poucos momentos de aparente recuperação do *status* do império romano sob as dinastias ottonida e sálica, o processo da história, controlado por um determinismo metafísico característico do pensamento cristão medieval, apresenta um inegável movimento de decadência, cujo fim lhe parece ser já visível, e através da revelação bíblica – que para Otto, assim como para os pensadores medievais de modo mais geral – previsível, e, portanto, parte da própria história. O império prevalece junto aos francos em sua parte oriental, os quais ainda apresentam resquício da *fortitudo* franca, que proporcionou as referidas glórias de Carlos Magno. A virtude é transmitida a este povo, como se depreende da narrativa do cronista frisingense, através de Luís, o Germânico.⁴⁴ Assim como Carlos Magno, as campanhas militares de Luís são, para o cronista, prova da *fortitudo* do governante. O mesmo tema aparece nas narrativas do frisingense sobre as conquistas de Henrique II⁴⁵ e Lothar III⁴⁶, o qual é finalmente comparado a Carlos Magno, confirmando o caráter ideal do imperador franco. A recorrência da *fortitudo* aponta também para o seu caráter fundamental na interpretação e significação da história por parte de Otto, algo que o cronista afirma em diversas ocasiões, como nas palavras iniciais de suas duas obras.⁴⁷

Conclusão

Em vistas dos dados aqui apresentados é possível apontar para algumas tendências da escrita histórica de Otto de Freising no que

⁴⁴ “Porro Lodewicus senior, orientalis Franciae rex, adversus Sclavos multa fortiter bella gessit...” Otto de Freising. *Otonis episcopi Frisingensis Chronica sive Historia de duabus civitatibus*. HOFMEISTER, Adolf (Ed.). Hannover: Hahnsche Buchhandlung, 1912, VI, 2, p. 263.

⁴⁵ “Hic multis in Germania, Boemia, Italia, Apulia fortiter ac prospere bellis gessit...” Otto de Freising. *Otonis episcopi Frisingensis Chronica sive Historia de duabus civitatibus*. HOFMEISTER, Adolf (Ed.) Hannover: Hahnsche Buchhandlung, 1912, VI, 27, p. 290.

⁴⁶ “Augustus vero tam fortia in Apulia ac Campania gessit, ut nullus ex Francorum regibus a Karolo Magno usque ad id temporis tanta ibi fecisse inveniatur.” Otto de Freising. *Otonis episcopi Frisingensis Chronica sive Historia de duabus civitatibus*. HOFMEISTER, Adolf (Ed.). Hannover: Hahnsche Buchhandlung, 1912, VII, 19, p. 337.

⁴⁷ “Honeste ergo erit et utilis excellentiae vestrae historiarum cognitio, qua et virorum fortium gesta Deique regna mutantis et cui voluerit dantis rerumque mutationem patientis virtutem ac potentiam considerando sub eius metu semper degatis ac prospere procedendo per multa temporum curricula regnetis.” Otto de Freising. *Otonis episcopi Frisingensis Chronica sive Historia de duabus civitatibus*. HOFMEISTER, Adolf (Ed.). Hannover: Hahnsche Buchhandlung, 1912, p. 2–3.; “Omnium qui ante nos res gestas scripserunt haec, ut arbitror, fuit intentio virorum fortium clara facinora ob movendos hominum ad virtutem animos extollere, ignavorum vero obscura facta vel silentio subprimere vel, si ad lucem trahantur, ad terrendas eorumdem mortalium mentes promendo ponere.” Otto de Freising. *Otonis episcopi Frisingensis Chronica sive Historia de duabus civitatibus*. HOFMEISTER, Adolf (Ed.). Hannover: Hahnsche Buchhandlung, 1912, p. 9.

concerne ao papel da *fortitudo* em relação à sua filosofia da história e ao tema mais amplo da *translatio imperii*. Para esse bispo do século XII, a *translatio* é parte substancial da história e é através das transformações do poder universal que o homem pode identificar e compreender a característica fundamental da relação entre o tempo e o ser humano, que se traduz na constante *mutatio rerum*. Otto não se afasta da tradição cristã e percebe a história como um processo determinado *a priori* pela divindade, contando com um início e um fim conhecidos. A história é, nesse sentido, sempre escatologia, pois seu objetivo final é a redenção no fim dos tempos.⁴⁸ O cronista frisingense acredita na proximidade do apocalipse bíblico. As crises constantes entre o império e o papado desde o fim do século XI e os problemas intestinos vividos pelos imperadores na primeira metade do século XII representam, para Otto, sinais da derrocada final do poder terrestre e prelúdio do terceiro *status ecclesiae*, a saber, o *post presentem vitam*.⁴⁹ As *translationes* e as *mutationes* na história encontram seu fim, segundo Otto, no momento em que *potentia*, *sapientia* e *religio* tiverem concluído sua transferência do oriente – seu local de origem – ao ocidente – seu ambiente derradeiro. Ali a *potentia* experimentará sua ação derradeira, enquanto *religio* e *sapientia* terão atingido seu auge. O bispo acredita viver esses tempos finais, pois, as citadas crises de poder no império, o florescimento dos estudos na França e a reforma monástica e eclesiástica do início do século XII são, para ele, testemunhos do fim dos tempos. Sendo assim, não pode existir para o cronista uma renovação do poder terreno senão exclusivamente dentro do império franco – Otto vê o império nas mãos dos ottônidas, sálicos e staufen como mera continuação do *imperium* –, e esta renovação lhe parece fora do alcance por conta da profunda crise política que acomete o império no período de composição da *Historia de duabus civitatibus*.

Os francos – sim, os germânicos – são para Otto (têm de ser) os derradeiros detentores do poder imperial – pois possuíam tal poder no período em que Otto escreveu –, de modo a confirmar o modelo

⁴⁸ A este respeito ver STABER, Joseph. Eschatologie und Geschichte bei Otto von Freising, in: FISCHER, Joseph A. (Ed.). *Otto von Freising*. Gedenkgabe zu seinem 800. Todesjahr. Freising: Verlag des Historischen Vereins Freising E. V., 1958, p. 106–126.; GOETZ, Hans-Werner. *Das Geschichtsbild Ottos von Freising*. Ein Beitrag zur historischen Vorstellungswelt und zur Geschichte des 12. Jahrhunderts. Köln: Böhlau, 1984; e de modo mais geral sobre o mesmo período GOETZ, Hans-Werner. Bernard et Norbert. eschatologie et réforme, in: *Bernard de Clairvaux*. Histoire, mentalités, spiritualité. colloque de Lyon-Cîteaux-Dijon. (Sources chrétiennes, 380) Paris: Éditions du Cerf, 1992, p. 505–525.

⁴⁹ Otto de Freising. *Otonis episcopi Frisingensis Chronica sive Historia de duabus civitatibus*. HOFMEISTER, Adolf (Ed.). Hannover: Hahnische Buchhandlung, 1912, VIII, prolog., p. 391.

que o cronista segue. Dessa maneira, é preciso que o império permaneça até o fim nas mãos dos francos, pois o bispo é ele mesmo um franco (neste amplo sentido que Otto dá ao termo). É em vistas dessa característica e desse contexto que se deve ler a obra do frisingense e se deve compreender o papel dos povos germânicos na sua narrativa. Os francos detêm o quarto e último império. Eles o tomaram dos romanos, seus fundadores. Para a historiografia medieval, essa transferência do poder representa continuidade ao invés de ruptura. Os francos detêm o *imperium romanum*. A sede continua sendo a *urbs* latina. É o mesmo império. Como demonstrado, a transferência do poder aos germânicos ocorre de forma gradativa. Ao passo que os romanos abandonam as virtudes – essenciais para a manutenção do poder terreno – é preciso que outro povo, virtuoso, à altura da tarefa de encabeçar o governo do *orbis*, assuma o vácuo deixado pela desestruturação romana. Para Otto, finalmente, a *fortitudo* é o principal símbolo desse poder e capacidade. É o elemento que justifica a transferência da *potestas terrena* às mãos dos germânicos, dos francos. O bispo encontra na história uma justificativa para sua teoria e, na teoria, uma explicação/significação para a história. A história ganha sentido através da teoria e a teoria se confirma através dos exemplos da história.

No presente artigo foram trabalhados apenas alguns aspectos significativos desse tema fundamental da escrita histórica de Otto de Freising. Certamente os exemplos oferecidos pela transferência do poder dos romanos aos germânicos são bastante significativos e, de certo modo, os mais evidentes na narrativa do frisingense. Mas estes exemplos não são únicos e todo o tema da *translatio* perpassa a ideia da transferência das virtudes⁵⁰, em especial da *fortitudo*. Não se trata, contudo, somente de uma técnica narrativa de Otto de Freising, mas de um elemento profundamente ligado ao seu próprio *Geschichtsbild* e, quiçá, às mentalidades do século XII. Aponta para tal fato um último exemplo, retirado não da *Historia de duabus civitatibus*, mas da *Gesta Friderici*, do mesmo autor.

A *Gesta*, ao contrário da *História de duabus civitatibus*, não é uma crônica universal, nem um texto dedicado à discussão da filosofia da história. É, diz-se, uma simples narrativa dos feitos do imperador Frederico I, quase uma “história cavaleiresca” cujo valor historiográfico se reduz devido às circunstâncias de sua composição. A despeito das discussões que se fazem na historiografia moderna a respeito da relação entre ambas as obras e do valor da *Gesta*, nesta também se encontra

⁵⁰ Cf. GRZYBOWSKI, Lukas Gabriel. *Politische Tugendvorstellungen im 12. Jahrhundert*. Die Schriften Ottos von Freising und Bernhards von Clairvaux. PhD Thesis. Hamburg: 2014.

impressa a visão de mundo e as expectativas do cronista em relação ao passado e ao presente. Em um trecho crucial para a compreensão da obra, senão da própria política de Frederico I, encontra-se novamente a menção à *fortitudo* dos francos e sua associação à transferência do poder dos romanos a estes. Otto nos apresenta uma fala do imperador Barbarossa para os líderes da comuna romana.⁵¹ Tal fala é seguramente fruto da imaginação do autor, seu conteúdo, contudo, aponta para importantes elementos que sustentam – em caráter teórico – as ambições do novo governante imperial. Destaca-se nesse sentido o recurso de Frederico (através de Otto) a uma retórica da *translatio*, que tange tanto as virtudes – *sapientia*, *fortitudo*, entre outras – quanto o poder imperial. Trata-se quase de um resumo do projeto imperial de Frederico.

Otto de Freising apresenta de forma concisa todos os elementos fundamentais trabalhados. A crença na *mutatio rerum* como motor da história, a *translatio imperii* como a manifestação das *mutationes* e a *fortitudo* dos francos como fundamento de seu poder universal. Sem dúvida é Otto que escreve estas palavras e elas se originam na visão de mundo do bispo e em seu *Geschichtsbild*. Contudo, se a *Gesta Friderici* é uma obra encomendada, composta a fim de enaltecer os feitos de Frederico I, e apresenta um caráter cortês, a fim de servir também em um contexto quase lúdico, então se depreende que a argumentação de Otto deva encontrar ouvidos favoráveis, senão fazer parte do senso comum à alta nobreza imperial e, por que não, das mentalidades do século XII de

⁵¹ “*Multa de Romanorum sapientia seu fortitudine actenus audivimus [...] Antiquam tuae proponis urbis nobilitatem, divae tuae rei publicae veterem statum ad sydera [usque] sustollis. Agnosco, agnosco, et ut tui scriptoris verbis utar, fuit, fuit quondam in hac re publica virtus. [...] Clarum est, qualiter primo nobilitatis tuae robur ab hac nostra urbe translatum sit [...] Supervenit Francus, vere nomine et re nobilis, eamque, quae adhuc in te residua fuit, ingenuitatem fortiter eripuit. Vis cognoscere antiquam tuae Romae gloriam? Senatoriae dignitatis gravitatem? Tabernaculorum dispositionem? Equestris ordinis virtutem et disciplinam, ad conflictum procedentis intemeratam ac indomitam audaciam? Nostram intuerem rem publicam. Penes nos cuncta haec sunt. Ad nos simul omnia haec cum imperio demanarunt. Non cessit nobis nudum imperium. Virtute sua amictum venit. Ornamenta sua secum traxit. Penes nos sunt consules tui. Penes nos est senatus tuus. Penes nos est miles tuus. Proceres Francorum ipsi te consilio regere, equites Francorum ipsi tuam ferro iniuriam propellere debebunt. [...] Revoluamus modernorum imperatorum gesta, si non divi nostri principes Karolus et Otto nullius beneficio traditam, sed virtute expugnatae Grecis seu Longobardis Urbem cum Italia eripuerint Francorumque apposuerint terminis. [...] Francorum virtus invitatione adscita est. Implorationem potius quam vocationem hanc dixerim. Implorasti misera felicem, debilis fortem, invalida validum, anxia securum. [...] Nondum facta est Francorum sive Teutonicorum manus invalida. [...] Proh nefas! A tuo, Roma, exigis principe, quod quilibet lixa potius petere deberet ab institore. A captivis haec penes nos exiguntur. Num in captivitate detineor? Num vinculis hostium urgeor? Nonne multo et forti stipatus milite inclitus sedeo?” Otto de Freising; Rahewin. *Otonis et Rahewini Gesta Friderici I. imperatoris*. WAITZ, Georg; SIMSON, Bernhard von (Ed.). Hannover: Hahnsche Buchhandlung, 1912, 136–139.*

modo mais geral. Partindo-se de tal pressuposto, é possível enfim afirmar que as ideias de *translatio* do poder político, atreladas ao exercício das virtudes – sobretudo da *fortitudo* como procurei demonstrar – constituem um argumento comum aos atores das elites políticas imperiais em meados do século XII.

Recebido em: 30 de março de 2016.

Aprovado em: 14 de julho de 2016.